

A desescolarização da sociedade: Ivan Illich e a “sociedade sem escolas”



Ivan Illich (1926-2002)

“Espero que os vossos netos não-de viver numa ilha onde já não será necessário ir à escola como hoje [é] ir à missa”. Ivan Illich (na cerimónia de encerramento do ano lectivo da Universidade Católica de Ponce (Porto Rico), em 1969).

“Não é possível uma educação universal através da escola. Seria mais factível se fosse tentada por outras instituições (...). A actual procura de novas *saídas* educacionais deve virar procura de seu inverso institucional: a *teia* educacional que aumenta a oportunidade de cada um de transformar todo o instante da sua vida num instante de aprendizagem (...). Ivan Illich (em 1970 no prefácio de *Deschooling society*)

“(...) o ideal da escola para todos foi uma utopia criadora. (...) Mas aquela mesma escola que trabalhou no século passado para derrubar o feudalismo tornou-se agora um ídolo opressor que só protege aqueles que já educou. As escolas qualificam e, portanto, desqualificam. E elas fazem o desqualificado aceitar a sua própria sujeição. A categoria social é concedida de acordo com o nível de educação escolar alcançado. Por toda a parte, na América Latina, mais dinheiro para as escolas significa mais privilégio para uns poucos à custa de muitos, e este patrocínio de um escol é justificado como um ideal político. Este ideal está escrito nas leis que estabelecem aquilo que é claramente impossível: a igualdade de oportunidades escolares para todos”. Ivan Illich, *Libertar o futuro*

“Hoje em dia uma boa planificação da instrução deveria ter três objectivos :

1. Todos os interessados em aprender deviam ter, em cada época da sua vida, acesso a todos os meios de aprendizagem disponíveis.
2. Todos os que quisessem transmitir o seu saber deviam poder encontrar-se com outros que quisessem aprender alguma coisa.
3. Todos os que quisessem demonstrar publicamente o resultado do seu estudo deviam ter ocasião e oportunidade de o fazer. Um sistema como este exigiria verdadeiras garantias constitucionais para as oportunidades de formação. Aqueles que tivessem interesse em aprender não deviam ser obrigados a submeter-se a um plano fixo e rígido. Também não deviam ser vítimas da discriminação que provém de uma absoluta confiança nas qualificações escolares. Também não se deveria obrigar o público a manter, mediante um sistema de impostos (...), um aparato gigantesco de profissões, de

educadores e de edifícios que, na realidade, não fazem mais do que limitar as oportunidades de aprender aos serviços que um professorado instalado julga conveniente levar ao mercado.

A introdução de uma carta de crédito da formação é algo de mais efectivo e humano. Todo o cidadão a recebe quando nasce. (...) A carta de crédito da formação seria a base para um intercâmbio de serviços civis de instrução. (...)

(...) A carta de crédito da formação garantiria a todo o cidadão um direito judicial de participar dos mesmos meios públicos durante o seu processo de formação. Ivan Illich

TEXTO

CARACTERÍSTICAS GERAIS DE NOVAS INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS E FORMAIS

Um bom sistema educacional deve ter três propósitos: dar a todos que queiram aprender acesso aos recursos disponíveis, em qualquer época de sua vida; capacitar a todos os que queiram partilhar o que sabem a encontrar os que queiram aprender algo deles e, finalmente, dar oportunidade a todos os que queiram tornar público um assunto a que tenham possibilidade de que seu desafio seja conhecido. Tal sistema requer a aplicação de garantias constitucionais à educação. Os aprendizes não deveriam ser forçados a um currículo obrigatório ou à discriminação baseada em terem um diploma ou certificado. Nem deveria o povo ser forçado a manter, através de tributação regressiva, um imenso aparato profissional de educadores e edifícios que, de fato, restringe as chances de aprendizagem do povo aos serviços que aquela profissão deseja colocar no mercado. É preciso usar a tecnologia moderna para tornar a liberdade de expressão, de reunião e imprensa verdadeiramente universal e, portanto, plenamente educativa.

As escolas estão baseadas na suposição de que há um segredo para tudo nesta vida; de que a qualidade da vida depende do conhecimento desse segredo; de que os segredos só podem ser conhecidos em passos sucessivos e ordenados; de que apenas Os professores sabem revelar correctamente esses segredos. Um indivíduo de mentalidade escolarizada concebe o mundo como uma pirâmide, composta de pacotes classificados; a eles só têm acesso os que possuem os rótulos adequados. As novas instituições educacionais quebrarão esta pirâmide. Seu objectivo deve ser facilitar o acesso ao aprendiz: se não puder entrar pela porta, permitir-lhe que, pela janela, olhe para dentro da sala de controle ou do parlamento. Ainda mais, essas novas instituições devem ser canais aos quais o aprendiz tenha acesso sem credenciais ou linhagem - logradouros públicos em que colegas e pessoas mais idosas, fora de um horizonte imediato, tornem-se disponíveis.

Acredito que apenas quatro - possivelmente três - «canais» diferentes ou intercâmbios de aprendizagem poderiam conter todos os recursos necessários para uma real aprendizagem. A criança se desenvolve num mundo de coisas, rodeada por pessoas que lhe servem de modelo das habilidades e valores. Encontra colegas que a desafiam a interrogar, competir, cooperar e compreender; e, se a criança tiver sorte, estará exposta a confrontações e críticas feitas por um adulto experiente e que realmente se interessa por sua formação. Coisas, modelos, colegas e adultos são quatro recursos; cada um deles requer um diferente tipo de tratamento para assegurar que todos tenham o maior acesso possível a eles.

Usarei o termo «teia de oportunidades» em vez de «rede» para designar modalidades específicas de acesso a cada um dos quatro conjuntos de recursos. A palavra «rede» é muitas vezes usada erroneamente para designar os canais reservados ao material seleccionado por outros para doutrinação, instrução e diversão. Mas também pode ser usada para os serviços telefónicos e postais que são principalmente utilizados pelos indivíduos que desejam enviar mensagens uns aos outros. Oxalá tivéssemos outra palavra com menos conotações de armadilha, menos batida pelo uso corrente e mais sugestiva pelo fato de incluir aspectos legais, organizacionais e técnicos. Não encontrando tal palavra, tentarei redimir a que está disponível, usando-a *como* sinónimo de «teia educacional».

O que é preciso são novas redes, imediatamente disponíveis ao público em geral e elaboradas de forma a darem igual oportunidade para a aprendizagem e o ensino.

Tomemos um exemplo: o mesmo nível tecnológico é empregado na TV e nos gravadores. Todos os países latino-americanos já introduziram a TV. Na Bolívia, o governo financiou uma estação de TV, construída há seis anos atrás, e não existem mais do que sete mil televisores para os quatro milhões de habitantes. O dinheiro que foi empregado nas instalações de TV em toda a América Latina é tanto que poderia ter fornecido a uma pessoa entre cinco um gravador. E mais, o dinheiro teria dado também para fazer uma biblioteca quase completa de fitas gravadas, bem como um grande estoque de fitas virgens.

Esta rede de gravadores seria bem diferente da actual rede de TV. Daria oportunidade para a livre expressão: letrados e iletrados poderiam igualmente gravar, guardar, difundir e repetir suas opiniões. O actual investimento na TV, porém, fornece aos burocratas, sejam eles políticos ou educadores, poder para salpicar o continente com programas institucionalmente produzidos que eles - ou seus patrocinadores - acham ser bons para o público ou que são por ele demandados.

A tecnologia está à disposição ou da independência e da aprendizagem ou, então, da burocracia e do ensino.

QUATRO REDES

O planeamento de novas instituições educacionais não deve começar com as metas administrativas de um príncipe ou presidente, nem com as metas de ensino de um educador profissional e nem com as metas de aprendizagem de alguma classe hipotética de pessoas. Não deve começar com a pergunta: «O que deve alguém aprender?», mas com a pergunta: «Com que espécie de pessoas e coisas gostariam os aprendizes de entrar em contacto para aprender?».

Alguém que deseja aprender sabe que precisa da informação e da crítica dos outros. A informação pode ser armazenada nas coisas e nas pessoas. Num bom sistema educacional, o acesso às coisas deve estar disponível ao simples aceno do aprendiz, enquanto o acesso aos informantes requer, ainda, o consentimento de outros. As críticas podem provir de dois lados: de colegas ou de pessoas mais adultas, isto é, de aprendizes cujos interesses imediatos coincidem com os meus, ou daqueles que desejam partilhar comigo suas experiências mais amplas. Os colegas podem ser pessoas do mesmo nível com as quais se discute um assunto, companheiros de leituras amenas e agradáveis (ou árduas) ou de passeios, adversários em qualquer tipo de jogo. As pessoas mais idosas podem ser consultores

sobre que espécie de aptidão aprender, que método seguir, que tipo de companheiros procurar em dada época; podem ser guias para indicar questões que devem ser discutidas entre os companheiros e para cobrir as deficiências das respostas dadas. A maioria desses recursos existe em abundância. Mas não são comumente percebidos como recursos educativos, nem é fácil ter acesso a eles para fins de aprendizagem, sobretudo se o aprendiz for pobre. Devemos pensar em novas estruturas relacionais, intencionalmente montadas, para facilitar o acesso a esses recursos de todos os que queiram procurá-los para melhorar sua formação. Devem ser tomadas as providências administrativas, técnicas e, sobretudo, legais para estabelecer essas estruturas tipo «teia».

Os recursos educacionais são geralmente rotulados de acordo com as metas curriculares dos educadores. Proponho fazer o contrário, rotular quatro diferentes abordagens que permitam ao estudante ter acesso a todo e qualquer recurso educacional que poderá ajudá-lo a definir e obter suas próprias metas:

1º) *Serviço de consultas a objectos educacionais* - que facilitem o acesso a coisas ou processos que concorrem para a aprendizagem formal. Algumas coisas podem ser totalmente reservadas para este fim, armazenadas em bibliotecas, agências de alugueis, laboratórios e locais de exposição tais como museus e teatros; outras podem estar em uso diário nas fábricas, aeroportos ou fazendas, mas devem estar à disposição dos estudantes, seja durante o trabalho ou nas horas vagas.

2º) *Intercâmbio de habilidades* - que permite as pessoas relacionarem suas aptidões, dar as condições mediante as quais estão dispostas a servir de modelo para outras que desejem aprender essas aptidões e o endereço em que podem ser encontradas.

3º) *Encontro de colegas* - uma rede de comunicações que possibilite as pessoas descreverem a actividade de aprendizagem em que desejam engajar-se, na esperança de encontrar um parceiro para essa pesquisa.

4º) *Serviço de consultas a educadores em geral* - que podem ser relacionados num directório dando o endereço e a auto descrição de profissionais, não-profissionais, «free-lancers», juntamente com as condições para ter acesso a seus serviços. Tais educadores, como veremos, podem ser escolhidos por votação ou consultando seus clientes anteriores.

ILLICH, Ivan, *Sociedade sem escolas*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1977.

Na Internet:

<http://www.ivanillich.org/>

http://www.direitodeaprender.com.pt/revista04_03.htm